



ARTIGO DO
CURSO DE FILOSOFIA OCULTA

TEURGIA, GOÉCIA & QUIMBANDA

DA SÉRIE: O ESPÍRITO DE SÃO CIPRIANO



CIPRIANO O MAGO
Autor: Romario Romis

O desejo de se comunicar com os espíritos é mais antigo que a história; relacionado com princípios indelévels da natureza humana [...] e as tentativas de satisfazer esse desejo geralmente tomam uma forma que traz um grande ultraje a razão. [...] A constância da reiteração [da conjuração] feita com frequência aumenta sua autoridade e poder, e acomete o terror nos espíritos, submetendo-os a obediência. [...] No Egito, na Índia e na Grécia, não se lidava com diabos como no cristianismo; Typhon, Juggernaut e Hécate não eram divindades inferiores, mas sim deuses absolutos, e o ofício de Canídia era em sua maneira tão sagrado como os pacíficos mistérios de Ceres.¹

O espírito assentado deixa de ser um mero «falangeiro» e torna-se um Mestre pessoal, responsável pelo desenvolvimento do adepto. [...] Um adepto não precisa ter muitas «linhas» para se desenvolver e sim, um único e grandioso Mestre que corra todos os Reinos e o ampare em sua jornada.²

Nas mais antigas versões de histórias sobre espíritos familiares, nós somos orientados a não ouvi-los e segui-los cegamente, mas ao invés disso, a estabelecer uma *relação* com os espíritos, o que nos ajuda, com suas orientações, a estabelecer nosso compasso interno.³

A história da magia no Ocidente é em grande medida uma história focada na intervenção dos espíritos e dispositivos [mágicos]. A maior parte de nossos registros históricos, dos grimórios a estudos acadêmicos modernos, examina um tipo de magia que é operado abaixo do nível do adepto. Aqui encontramos o mago estabelecido com lamens, anéis, sigilos e livros; seu corpo adornado com vestimenta [cerimonial], ferramentas e toda uma parafernália que possibilita a intervenção dos espíritos. Cada um desses dispositivos é uma lição da arte. Quando criados pelo mago e trazidos a vida por meio do contato com os espíritos podem se tornar poderosos artefatos com laços autênticos com os espíritos. [...] Se nós começarmos a traçar o registro histórico da tradição ocidental de magia ritual até os antigos reinos da Grécia, Caldeia ou Egito, rapidamente perceberemos que o poder do mago reside na sua versatilidade e capacidade de se comunicar com uma quantidade variada de criaturas espirituais. [...] A magia que ele opera é mais um ato de mediação do que de desempenho próprio. Seja mediando anjos, demônios ou deidades, o antigo ritual de magia requer uma criatura espiritual trabalhando em função do mago no reino [da geração]. [...] O mago e suas ferramentas nesse contexto são meros portais das forças que passam através deles.⁴

Nos anos recentes a magia mudou. Nós tivemos uma explosão de publicações de textos tradicionais da magia europeia. Muitos magistas tiveram acesso a tradições vivas da magia. Nós vimos as tradições mágicas que foram obscurecidas pela tradição moderna

¹ Arthur Edward Waite, O LIVRO DA MAGIA NEGRA E DOS PACTOS. Via Sestra, 2018. *Os colchetes são meus.*

² Danilo Coppini, QUIMBANDA: O CULTO DA CHAMA VERMELHA E PRETA. Via Sestra, 2019.

³ Maja D'Aoust, FAMILIARS IN WITCHCRAFT. Destiny Books, 2019.

⁴ Frater Acher, CYPRIAN OF ANTIOCH. Quereia Publishing, 2017. *Os colchetes são meus.*

[da magia]. Com essa consciência nós nos descobrimos em um mundo vivo repleto de espíritos; espíritos que têm vivido poderosamente, seres independentes que dão vida, dinamismo e poder a magia.⁵

Em todos os países e em todos os tempos, encontra-se comumente disseminada a crença em seres sobrenaturais, de uma classe inferior à dos deuses, que interveem diretamente no curso das coisas e especialmente nos assuntos humanos, seres benfazejos, maléficos ou indiferentes, com quem o homem procura se conciliar mediante práticas religiosas ou mágicas; é o povo inumerável e temível dos espíritos, demônios, anjos e gênios de toda espécie, invisíveis, ativos e obsessores.⁶

Não há dúvida de que existem os espíritos Bons e Maus; e que estão em relacionamento com os homens; não há dúvida de que os ditos espíritos estão dotados de uma inteligência soberana, posto que a própria religião lhes dá o poder de tentar-nos, de induzirmos ao bem e ao mal; logo, se por meio da Magia pode o homem pôr-se em relação com estes espíritos, esse homem logrará alcançar a suprema sabedoria.⁷

Hécate, a deusa grega da feitiçaria, além de ser associada as encruzilhadas, matas selvagens, espaços limiars, também está conectada aos fantasmas, espíritos infernais e a necromancia. [...] A diabolização da necromancia eventualmente levou-a a ser renomeada para *nigromancia* (divinação negra), posteriormente classificada como *magia negra* ou *arte negra*. Isso transformou a percepção da arte, tornando-a sombria e relacionada ao diabo. [...] Quando animais são sacrificados [cerimonialmente] [...] está prática atraindo e alimenta os espíritos dos mortos, que vêm beber o fluido da vida. [...] A arte da necromancia inclui o trabalho com ancestrais, trabalho onírico, convocação de sombras, comunicação com espíritos, e todas essas práticas combinadas para divinação, magia e feitiços.⁸

A Magia é a arte de submeter às potências da natureza à vontade humana. Entre essas potências há as entidades invisíveis, espíritos, gênios e demônios evocados mediante fórmulas, orações, encantamentos, talismãs, pantáculos, filtros e outros agentes naturais.⁹

⁵ BJ Swain, LIVING SPIRITS: A GUIDE TO MAGIC IN A WORLD OF SPIRITS. Publicação do autor, 2018. *Os colchetes são meus*.

⁶ Jean Beaujeu APULÉE. OPUSCULES PHILOSOPHIQUES – DU DIEU DE SOCRATE, PLATON ET SA DOCTRINE, DU MONDE. Texto, trad. e com. de Jean Beaujeu. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

⁷ Jonas Sufurino em O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: O TESOURO DO FEITICEIRO; veja THESAURUS MAGICUS, Vol. II. Humberto Maggi, 2016, Clube de Autores.

⁸ Christopher Orapello e Tara-Love Maguire, BESOM, STANG & SWORD: A GUIDE TO TRADITIONAL WITCHCRAFT, THE SIX-FOLD PATH & THE HIDDEN LANDSCAPE. Weiser Books, 2018.

⁹ Antônio Maria Ramalhete, O BREVIÁRIO DE SÃO CIPRIANO. Eco, 2016.

Qualquer definição acurada sobre magia deve envolver conceitos como os de outros mundos, espíritos, *daimones* e deuses, porque essa é a premissa pela qual muitos magistas operam.¹⁰

Cipriano deveria, em princípio, ser entendido como um guia para aquela experiência maravilhosa quando o feiticeiro finalmente alcança o conhecimento e conversação com seu espírito patrono.¹¹

Deve ser entendido que este [O LIVRO DE SÃO CIPRIANO], diferente de outros grimórios, não é uma relíquia de um distante passado mágico, ele não é um livro antigo e morto que espera para ver a luz novamente através de um devotado magista. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO não se trata de um livro; ele não está localizado no tempo ou no espaço. Como qualquer culto, ordem ou religião viva e ativa, trata-se de um *contínuo*, uma corrente. Ele muda seu conteúdo porque está vivo, porque é praticado e vivido em vários contextos culturais, sociais e geográficos [...] [e] ele constantemente responde as necessidades de seus leitores. Da costa da Catalunha a Algarve, da Ibéria rural ao nordeste do Brasil, dos terreiros de Quimbanda e finalmente até as cidades, ele é em todo o sentido do termo um livro de magia popular, um livro [de magia] para o povo. [...] Ele vive a margem da sociedade, nas sombras, no limiar entre religiosidade e heresia, virtude e vício. Como o próprio Santo, ele vive naquela linha onde Deus e o Diabo se encontram. [...] Mas como um *contínuo*, um ponto parece ser constante em suas edições, todas trazem a narrativa faustina.

[...] Este terceiro período [da tradição cipriânica] não pode ser separado da efervescência mágico-religiosa da atmosfera Sul-americana. Foi ali, num grande cadinho cultural de sangue branco, negro e nativo-americano que as práticas da magia cipriânica foram revitalizadas e desenvolvidas para além dos princípios da prática ibérica, afastando-se dos livros originais. Essa nova e impressionante onda de práticas parece estar fazendo seu caminho de retorno a Ibéria e Europa, seja através da imigração ou pelo incrível prestígio e reconhecimento das técnicas mágico-religiosas Sul-americanas, colorindo e revitalizando antigos cultos cipriânicos. Em teoria, devido a seu caráter altamente pragmático, estas novas práticas revitalizadas poderão no futuro uma vez mais cristalizar uma nova ortodoxia cipriânica. Contudo, devido à possibilidade de se estabelecer contato mediúnico com São Cipriano, um constante fluxo de material novo e atualizado é estabelecido, fazendo dele uma corrente viva, como uma vez o foi em um distante passado da Ibéria.¹²

¹⁰ Stephen Skinner, *TECHNIQUES OF GRAECO-EGYPTIAN MAGIC*. Golden Hoard Press, 2014.

¹¹ Humberto Maggi, *SCIENTIA DIABOLICAM*. Clube de Autores, 2018.

¹² José Leitão, *THE BOOK OF ST. CYPRIAN: THE SORCERER'S TREASURE*. Hadean Press, 2014.

TEURGIA, GOÉCIA & QUIMBANDA



[Nota: texto escrito como resposta a um seguidor do You Tube e membro do site Filosofia Oculta. Pergunta: *Professor Fernando, li seu último artigo «A Mulher de Branco» onde você diz que «acreditava, por exemplo, que a ciência do corte era uma técnica mágica degradante, praticada por feiticeiros que haviam se distanciado dos segredos ocultos da magia ou sacerdócio teúrgico. No entanto, são os sistemas de teurgia ou feitiçaria que, tendo perdido a ciência do corte estão distantes dos Arcanos Ocultos da Arte dos Sábios.» O que eu gostaria de saber qual foi o entendimento que o fez mudar de opinião? Eu pergunto isso porque faz muito sentido o que você fala sobre o resgate de uma prática mágica «pé no chão» como disse no seu site. Essa mudança bem paradoxal ocorreu por causa da sua iniciação na Quimbanda? E aproveitando, o que te fez largar a Teurgia pela Quimbanda? A Quimbanda é melhor?]*



lá [...], boa tarde. Vou tentar falar bem sucintamente sobre os temas das suas perguntas. Dá até para escrever um artigo inteiro baseado-se nelas. Não há outro caminho que eu possa começar essa resposta que não seja este: eu era um completo e total ignorante. Influenciado por teoremas de magia moderna e por um arauto da ignorância mágica por muito tempo, eu me convenci que a *ciência do corte* ou *sacrifício animal* tratava-se de uma prática primitiva, no sentido pejorativo, que não condizia com os anseios espirituais de um mago. Mas tudo começou a mudar quando assumi ou desisti da magia moderna, dos rituais psiúrgicos de banimento e de um ocultismo pseudocientífico.

Toda essa história é muito extensa e eu já falei bastante dela, inclusive no DAEMONIUM No. 1. Então vou me concentrar no tema do sacrifício. Jâmblico foi o filósofo e teurgo neoplatônico que me auxiliou nessa invertida total saindo da magia moderna e me aprofundando na magia da Antiguidade. Carinhosamente eu o considero o meu padrinho dessa mudança. Seu livro, DE MYSTERIIS, traz no capítulo cinco uma profunda discussão sobre esse tema, o sacrifício de animais. Na verdade, podemos considerar este capítulo o eixo ou espinha dorsal dessa obra. Vamos começar com essa ideia básica: o sacrifício animal tratava-se de uma experiência espiritual compartilhada por muitas culturas na Antiguidade pré-cristã. Portanto, não é possível compreender as práticas mágicas dos magos da Antiguidade e suas experiências espirituais sem levar em conta essa ideia. Toda a cultura mediterrânea se valia de sacrifícios para alimentar os *daimones*. Aqui entenda esse termo, *daimon*, como sinônimo para as muitas deidades adoradas no Mediterrâneo pré-cristão. Libações eram derramadas a eles, objetos como estatuetas e talismãs eram consagrados e dedicados a eles, animais eram sacrificados pelo corte, queimados ou comidos em nome deles. Há uma interessante discussão sobre esse período no capítulo um do SPIRITUAL TAXONOMIES AND RITUAL AUTHORITY: PLATONISTS, PRIESTS AND Gnostics in the Third Century C.E. O capítulo

em questão trata da interpretação dos filósofos dessa época sobre os sacrifícios de sangue.

Na teurgia não é diferente. O eixo central do ritual teúrgico é o sacrifício de sangue as deidades. Jâmblico oferece uma explicação coerente, frente a crítica de seu professor, Porfírio, aluno e biógrafo de Plotino, que era cético em relação a prática da teurgia. Além disso, outros apologistas cristãos também eram céticos em relação ao sacrifício e produziam filosofia religiosa e teologia sobre o tema, o condenando como espiritualmente degradante. No entanto, as explicações de Jâmblico não só refutam Porfírio e outros apologistas cristãos, mas legitimam a *ciência do corte* como o mecanismo ou engenharia fundamental e estrutural da teurgia.

Na teurgia, a *ciência do corte* é o eixo porque é do sacrifício que todos os outros fenômenos teúrgicos rituais ocorrem: divinação através de oráculos, divinação por incorporação mediúnic, purificação, ascensão da alma, consagrações, imantações etc. O *corte* é o elemento fundamental que dá a ignição no processo teúrgico. Na tradição da Quimbanda não é diferente: a *ciência do corte* é o eixo da feitiçaria-kimbanda. Dessa maneira, a prática da feitiçaria-kimbanda está em direta harmonia e conexão com a prática da teurgia como compreendida na Antiguidade tardia. Foi este o entendimento que mudou minha opinião acerca do *corte*. Não foi a iniciação na Quimbanda que mudou minha opinião, mas é a minha iniciação na Quimbanda o resultado de minha mudança de opinião. Eu busco a verdade e vou sempre na direção dela!

Nas religiões e cultos de mistérios pré-cristãos da Antiguidade o sacrifício de um animal consagrado e santificado tratava-se de um ofício sagrado. O sangue carrega a essência da vida que alimentava as deidades. Por meio do sangue sacrificial se estreitam os laços entre os homens e os deuses, entre as almas encarnadas e seus ancestrais; buscava-se através do sangue por proteção espiritual e cura das mazelas do corpo e da mente; o sangue do sacrifício era uma oferenda que glorificava as deidades, seus poderes, e através dele era esperado receber as virtudes e bênçãos dos deuses e ancestrais. Como o sangue está estreitamente conectado a fertilidade e continuidade da vida, o sacrifício era o ato teúrgico de se doar a vida para receber dos deuses a própria vida na forma de renovação espiritual em nossa jornada encarnados na matéria. Além disso, acreditava-se que o sacrifício libertava a alma do animal de seu cativeiro no reino da geração, o que garantia a continuação de sua existência no pós morte: todo animal sacrificado torna-se um espírito de alma deificada. Isso tem implicações profundas e um grande impacto na carreira magística/teúrgica, pois que estes espíritos podem auxiliar o feiticeiro em sua jornada. Este arcano iniciático do passado está presente, por exemplo, nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. Na feitiçaria dos papiros animais eram deificados através de sacrifícios teúrgicos, tornando-os *paredros*, espíritos assistentes. Na cultura mágico-espiritual do Mediterrâneo, o sacrifício propiciatório as deidades, tanto os sacrifícios públicos quanto os privados, eram a engenharia mágica por trás dos processos teúrgicos (místicos) e taumatur-

gicos (mágicos). No texto *O Sacrifício na Feitiçaria dos Papiros Mágicos Gregos* eu ofereço uma análise acurada do processo sacrificial dos feiticeiros greco-egípcios da Antiguidade.

É possível estabelecer uma equivalência ritual teúrgica entre a Quimbanda, a teurgia e as religiões e cultos de mistérios pré-cristãos. O típico ritual grego de oferenda e sacrifício é chamado de *thysia*. Trata-se de um ritual cujas etapas estão em harmonia com um típico ritual de feitiçaria-kimbanda de imolação sacrificial. Tanto na Quimbanda quanto na teurgia de Jâmblico a imolação de um animal requer preparos exaustivos, seja do sacerdote ou de um grupo que acompanha o ritual. São preparativos pessoais como jejuns, preces e invocações; cuidados com o local de sacrifício e com animal; cânticos, defumações e purificações que desanuviam a mente e conectam os magos as deidades, deuses ou ancestrais. É seguro dizer que o ritual de imolação expande a consciência e confere uma prístina gnose desenvolvida em camadas no curso das etapas rituais. O *thysia* grego, por exemplo, iniciava-se com uma procissão até o templo ou área onde o animal seria imolado em glória aos deuses. A procissão é o esforço pessoal que cada um deve empreender para sair de um estado de consciência profano e adentrar a um estado de consciência espiritual. A próxima etapa importante do *thysia* era a purificação através da água lustral, um poderoso agente antisséptico preparado teurgicamente para lavar as mãos do sacerdote e limpar o local e todos os participantes. Seguiu-se a etapa da invocação, libações aos deuses e imolação ritual. Durante a imolação o sacerdote dedicava a alma e o sangue do animal aos deuses ou ancestrais através de preces, cantos, encantamentos e, finalmente, cortando a garganta do animal de maneira correta. Tudo isso está contido em um ritual de feitiçaria-kimbanda; não necessariamente nos mesmos termos aqui apresentados. Como na teurgia de Jâmblico, no ritual de feitiçaria-kimbanda de imolação sacrificial busca-se a gnose do espírito que é alimentado pelo sangue. Invoca-se por sua manifestação, auxílio e proteção espiritual; um feiticeiro-kimbanda pede que suas entidades, através do sacrifício, compartilhem com ele seus poderes e conhecimento arcano de magia. Utilizado sobre imagens ou em assentamentos, o sangue sacrificial ativa zonas de poder.

É interessante notar como as opiniões de Porfírio sobre o *corte* ou sacrifício influenciaram as ideias dos apologistas cristãos, principalmente Santo Agostinho, maior teólogo da Igreja até São Tomás de Aquino na Idade Média. Como a cultura moderna do Ocidente foi construída sobre as premissas cristãs, a opinião que hoje temos de modo geral sobre sacrifício é a mesma de Porfírio. Ele acreditava que os sacrifícios de sangue apenas alimentavam *daimones* e eram degradantes a própria saúde física e mental. Na demonologia de Porfírio, os *daimones* ocupavam a escala mais inferior da hierarquia celestial, responsáveis pela harmonia de toda maquinaria do universo físico, mesmo sendo eles invisíveis. As almas humanas ainda estavam abaixo dos *daimones*, mas em direta conexão com eles, sendo capazes de alimentá-los. Ainda, Porfírio acusava a teurgia e o sacrifício animal de insalubres, pois po-

luíam a atmosferas e os *ares superiores* com a matéria densa e dejetos de animais queimados. Para Porfírio a prática do sacrifício era algo recente na Antiguidade, dando ênfase que em períodos anteriores os sacrifícios eram feitos sempre na forma de alimentos, grãos e frutos. A crença de muitos sobre essa questão na Quimbanda é que o sacrifício serve para alimentar entidades de baixíssimo nível, que atuam muitas vezes como vampiras, necessitando de mais e mais sangue de seus devotos. Na concepção popular, Exus e Pombagiras são entidades malignas sedentas por sangue. Seria o equivalente a essa interpretação de Porfírio sobre os *daimones* malignos; mas todo cuidado é pouco nessa equivalência. No entanto, Exus e Pombagiras são mestres espirituais, criaturas iluminadas através de um refinado processo de deificação espiritual. Estas designações espirituais, Exu ou Pombagira, não são dadas a entidades de baixo nível (Eguns ou mesmo Quiumbas), mas a almas deificadas que se tornaram dignas de receber tais designações espirituais.

Jâmblico refuta os argumentos de Porfírio. Ele diz que o dejetos na forma de fumaça de animais queimados não polui os ares superiores, afinal ela não pode ultrapassar a Lua; também coloca ênfase que os *daimones* não precisam de nenhum tipo de alimento conferido pelos homens, pois na cadeia teúrgica hierárquica, as criaturas de baixo sempre se alimentam das criaturas de cima, não das de baixo. As almas encarnadas no reino da geração estão abaixo dos *daimones* na hierarquia. E se os *daimones* não precisam de alimentos conferidos pelos homens, muito menos os deuses. Então, se não são os deuses ou os *daimones* as entidades beneficiadas pelo sacrifício, por que fazê-lo? Afinal de contas, quem se beneficia da imolação sacrificial? Nós, as almas encarnadas que nos beneficiamos! Para Jâmblico, o sacrifício era o elemento chave para a purificação da alma, através do qual ela tornar-se-ia eficientemente um *augoeides*, quer dizer, um ovo de luz reluzente, uma alma deificada. Portanto, a imolação sacrificial na teurgia liberta a alma de seus apegos ao reino da geração. Jâmblico também discute a validade do sacrifício para resolver as demandas da vida, mas sua ênfase consiste na purificação da alma. Ao alimentar a pira de fogo com sangue e carne animal, entrega-se ao fogo também as mazelas da alma, suas limitações e escuridão. A alma se ilumina no curso da imolação sacrificial. Como podemos ver, essa visão está em oposição ao entendimento tradicional do sacrifício ritual que as religiões pré-cristãs tinham na época, como vimos acima. Então Jâmblico oferece uma nova explicação em defesa da imolação teúrgica de um animal. Nós encontramos essa premissa teúrgica na Quimbanda; um ritual de imolação na feitiçaria-kimbanda também purifica a alma de suas mazelas, além de estreitar os laços com o Exu Tutelar.

Em detrimento de tudo isso, passou a ser lógico para mim que a *ciência do corte* trata-se de uma ferramenta fundamental na prática da feitiçaria tradicional brasileira que contém toda herança e o melhor da teurgia e goécia gregas, nesses termos. A goécia, tecnicamente, trata-se do tráfico com alma de mortos. Sendo a Quimbanda uma tradição que trata especificamente

com a alma de mortos deificados, é uma *goécia brasileira*. Passou a fazer muito sentido para mim tornar-me um feiticeiro-kimbanda. Então não que a Quimbanda seja melhor que a teurgia ou goécia gregas, mas trata-se de uma teurgia e goécia brasileiras.

Muitos podem se perguntar: *mas como? Como a Quimbanda herda fundamentos da feitiçaria e teurgia da Antiguidade tardia?* Através de duas correntes mágicas: a feitiçaria crioula africana e a feitiçaria tradicional europeia. Ao nos debruçarmos sobre a feitiçaria dos papiros, notamos que muitos de seus procedimentos mágicos estão bem próximos daqueles das culturas crioulas da África. É possível perceber uma equivalência e similaridade de técnicas de feitiçaria entre o que encontramos nos papiros e o que encontramos nas culturas bantu e yorubá da África. Como eu exponho em O ESPÍRITO DE SÃO CIPRIANO, o néctar da feitiçaria dos papiros encontra-se nas diversas edições populares de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO, que chegou no Brasil junto as feiticeiras exiladas de Portugal no Séc. XVI. O LIVRO DE SÃO CIPRIANO convoca, em verdade, a magia eclética e sincrética da feitiçaria na Antiguidade, principalmente a copta dos Sécs. IV e VI.

A feitiçaria dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS é essencialmente *goética* e espelha as crenças greco-egípcias dos feiticeiros da Antiguidade tardia. Sobre a feitiçaria crioula africana na Quimbanda, nem precisamos falar nada por aqui. O texto *A Tradição de Quimbanda* já traz muitas informações preciosas sobre isso. A Quimbanda é uma tradição espiritual que agrega em seu escopo a influência de inúmeras correntes mágicas, místicas e filosóficas.

Laroyê Exu é mojuba!
Ζητει Μυστηρια

Fernando de Ligório
Curso de Filosofia Oculta